

As Fronteiras da Itinerância: encontros e aprendizagens

Ana Carolina de Souza Gonzalez

Educadora e Pesquisadora no Serviço de Itinerância do Museu da Vida Fiocruz
Rio de Janeiro/RJ
ana.gonzalez@fiocruz.br

Os projetos do tipo Ciência Móvel nasceram no país como parte de um compromisso com a ampliação do alcance das ações de divulgação científica a partir do desenvolvimento de iniciativas que extrapolassem os muros institucionais para ir ao encontro da sociedade. Chegar a interiores, periferias ou municípios de pequeno/médio porte com baixa presença de equipamentos de ciência e cultura passa a compor a agenda de responsabilidades das práticas itinerantes, uma vez que a distribuição desigual da oferta cultural, especialmente no Brasil, não é fortuita, tampouco apenas geográfica. Existem fortes componentes de iniquidades sociais e sensação de não pertencimento ao mundo das ciências e da cultura influenciando a construção ou não do hábito de visita a essas instituições. É preciso cruzar fronteiras que podem representar barreiras históricas, culturais e sociais.

Foi com base nessa presença desigual de museus e outros equipamentos culturais no território brasileiro que, em 2010, se propôs como política pública o Programa Nacional POP Ciência 2022. Dentre as suas importantes metas propunha-se a implantação de quarenta projetos do tipo Ciência Móvel, que garantiriam uma rede com polos em todas as Unidades da Federação, com capacidade de itinerância nos municípios de cada estado, em sua maioria nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, haja vista a marcada desigualdade regional e garantindo, assim, a interiorização das ações.

No entanto, o amadurecimento desse modelo de atuação e o acúmulo de experiências evidenciaram que esse movimento merece ainda mais atenção. A itinerância faz um chamamento para mostrar que ainda há mais e valiosas perspectivas que precisam ser consideradas e são merecedoras de aprofundamentos.

Muito mais do que um simples ir e vir ou de um expressivo resultado do quantitativo de público atingindo, essa interiorização da popularização da ciência representa o cruzamento de muitas fronteiras reais e simbólicas. Esses atravessamentos trazem em si inúmeras oportunidades de aprendizagens para todos os envolvidos: aqueles

que se deslocam e aqueles que estão nas cidades visitadas. A possibilidade de coproduzir conhecimentos ao longo dos encontros com territórios tão diversos vem justamente das experiências que são vividas com os públicos e dentro da própria equipe durante as viagens. As aprendizagens organizacionais que podem decorrer desses deslocamentos são centrais para ampliar e fortalecer a interação entre ciência e sociedade na busca por maior justiça social.

Com base no exposto, serão apresentados na mesa redonda resultados de um recorte de pesquisa que teve como objeto de estudo o museu itinerante Ciência Móvel – Arte e Ciência sobre Rodas (CM), do Museu da Vida Fiocruz.

A análise buscou investigar o alcance das atividades realizadas no que tange à caracterização dos municípios que receberam a unidade móvel desde a sua criação, em 2006, considerando o porte populacional e a oferta cultural, para uma discussão acerca dos objetivos institucionais de interiorização da ciência e da cultura. A pesquisa quanto ao tamanho da população e à presença de equipamentos culturais nas cidades (museus, centros culturais, circo fixo, galeria de arte, cinema e teatro) foi feita a partir de informações disponibilizadas pelo Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, na Pesquisa de Informações Básicas Municipais (2018).

A pesquisa contemplou ainda um olhar qualitativo a partir da análise de conversas de pesquisa com profissionais de diferentes perfis envolvidos na criação e no cotidiano de desenvolvimento das ações do CM: conceptores, coordenadores de viagem, técnicos/operados e mediadores. Tais participantes da pesquisa trouxeram interessantes visões sobre como é estar em territórios tão diferentes e interagir com públicos igualmente diversos. Foram compartilhadas algumas de suas percepções sobre como a ação do CM pode se desenrolar de diferentes maneiras a depender do tamanho da cidade, à luz da própria relação que é construída com o público e com os agentes locais que atuam na interlocução e organização, considerando a presença ou não de uma atmosfera de acolhimento e de gestos de interesse manifestados pelo visitante.

Abrir-se verdadeiramente ao diálogo e promover encontros potentes entre ciência, cultura e sociedade necessita de uma certa inversão de foco, não olhando somente para o que museus itinerantes ou outros projetos do tipo Ciência Móvel têm a “oferecer”, mas sim o que esse visitante tem a compartilhar e como tais ações institucionais podem manifestar interesse pelo que ele sabe e pela bagagem que ele carrega ao participar das atividades. É importante estar atento ao que pode ser ouvido desse visitante e abrir espaço para que algo novo possa ser coproduzido nesse encontro.

Lidos em conjunto, esses são elementos de grande relevância para pensar o que esse cruzamento de fronteiras, a diversidade territorial e a hibridização com tantos outros trazem como aprendizado para a itinerância. Aprendem as pessoas e, com elas, aprendem e se aprimoram as instituições/organizações.